

**Edição e estudo de um texto impresso do século XX como
estratégia para discussões sobre ortografia do português no
Ensino Médio**

**Editing and studying a 20th-century printed text as a strategy
for discussions about Portuguese spelling in high school**

**Edición y estudio de un texto impreso del siglo XX como
estrategia para debates sobre la ortografía portuguesa en la
escuela secundaria.**

Bruno Bufuman Alecrim

<https://orcid.org/0000-0002-1392-8989>

Instituto Federal do Amazonas (IFAM)

Luma Policarpo

<https://orcid.org/0000-0003-1919-8363>

Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT)

Josenilce Rodrigues de Oliveira Barreto

<https://orcid.org/0000-0001-9714-4630>

Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB)

Resumo

Neste artigo, apresenta-se uma transposição didática que articula os estudos filológicos com análise grafemática para reflexões sobre o ensino de ortografia na primeira série do Ensino Médio da Educação Básica brasileira. Para alcançar esse objetivo, este trabalho fundamenta-se na Filologia, na análise grafemática de Silva e Queiroz (2011) e na Teoria da Transposição Didática de Chevallard (1991), demonstrando como a edição semidiplomática pode ser usada como estratégia pedagógica nas aulas de português no Ensino Médio. Como resultados, ao realizar a edição e o estudo codicológico, paleográfico e grafemático de um texto impresso da

primeira metade do século XX, conclui-se que os estudos filológicos podem potencializar a articulação entre o conhecimento de textos de épocas pretéritas e reflexões sobre o ensino de ortografia, ampliando, assim, a percepção dos estudantes sobre as mudanças ortográficas, observadas no texto estudado e ao longo do tempo, o que contribui para a formação de leitores mais atentos e críticos diante dos usos ortográficos em diferentes épocas históricas e contextos, o que pode enriquecer as aulas de português no Ensino Médio da Educação Básica brasileira.

Palavras-chave: Edição semidiplomática. Estudos codicológico, paleográfico e grafemático. Transposição didática no Ensino Médio.

Abstract

This article presents a didactic transposition that articulates philological studies with graphemic analysis for reflections on the teaching of spelling in the first year of high school in Brazilian Basic Education. To achieve this objective, this work is based on Philology, on the graphemic analysis of Silva and Queiroz (2011), and on Chevallard's Theory of Didactic Transposition (1991), demonstrating how the semi-diplomatic edition can be used as a pedagogical strategy in Portuguese classes in high school. As a result, by conducting the codicological, paleographic, and graphemic editing and study of a printed text from the first half of the 20th century, it is concluded that philological studies can enhance the connection between knowledge of texts from past eras and reflections on the teaching of orthography, thus broadening students' perception of orthographic changes observed in the studied text and over time. This contributes to the formation of more attentive and critical readers regarding orthographic usage in different historical periods and contexts, which can enrich Portuguese language classes in secondary education within the Brazilian basic education system.

Keywords: Semi-diplomatic edition. Codicological, paleographic, and graphemic studies. Didactic transposition in secondary education.

Resumen

Este artículo presenta una transposición didáctica que articula los estudios filológicos con el análisis grafémico para reflexiones sobre la enseñanza de la ortografía en el primer año de secundaria en la Educación Básica brasileña. Para lograr este objetivo, este trabajo se basa en la filología, en el análisis grafémico de Silva y Queiroz (2011) y en la Teoría de la Transposición Didáctica de Chevallard (1991), demostrando cómo la edición semidiplomática puede utilizarse como estrategia pedagógica en las clases de portugués en secundaria. Como resultado, mediante la edición codicológica, paleográfica y grafémica y el estudio de un texto impreso de la primera mitad del siglo XX, se concluye que los estudios filológicos pueden mejorar la conexión entre el conocimiento de textos de épocas pasadas y las reflexiones sobre la enseñanza de la ortografía, ampliando así la percepción de los estudiantes sobre los cambios ortográficos observados en el texto estudiado y a lo largo del tiempo. Esto contribuye a la formación de lectores más atentos y críticos respecto al uso ortográfico en diferentes periodos y contextos históricos, lo que puede enriquecer las clases de lengua portuguesa en la educación secundaria dentro del sistema de educación básica brasileño.

Palabras clave: Edición semidiplomática. Estudios codicológicos, paleográficos y grafémicos. Transposición didáctica en educación secundaria.

1 Considerações iniciais

Na Educação Básica brasileira, o trabalho com ortografia é realizado em níveis/séries gradativas, ao longo do processo de ensino e aprendizagem discente. Conforme Zanella (2010, p. 110), após a fase de identificação dos códigos alfabéticos, é importante que os estudantes compreendam “[...] que as línguas alfabéticas não são completamente fiéis às relações fonemagrafema e que a grafia [...] das palavras depende de convenções ortográficas”, ou seja, é preciso que os estudantes compreendam a escrita como fenômeno situado sócio-historicamente, definido pelo contexto cultural e, principalmente, por acordos ortográficos bilaterais instituídos política e estrategicamente para a “unificação” de uma determinada língua, neste caso o português.

Documentos como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e, mais recentemente, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) incorporam perspectivas políticas ao propor que os alunos desenvolvam habilidades relacionadas ao reconhecimento e à valorização da diversidade linguística, incluindo suas manifestações diacrônicas, ocasionadas por decisões políticas, considerando as tentativas e acordos ortográficos concretizados entre 1911 e 1990.

Antes do primeiro acordo ortográfico feito por Portugal em 1911, que foi apresentado ao Brasil apenas em 1931, o Brasil já havia iniciado uma discussão em 1907, sobre a simplificação de algumas palavras. Com isso, o acordo proposto em 1931 por Portugal não foi firmado, pois ambas as partes acabaram fazendo mudanças nos documentos oficiais, sendo realmente concretizado apenas em 1945 (Silva, 2009).

Em 18 de dezembro 1971, por meio da Lei nº 5.765, o Brasil simplificou sua própria ortografia, eliminando o acento circunflexo diferencial em sílabas tônicas *sêde/sede*, *gôsto/gosto*), com exceção de *pôde/pode*, entre outros. Em 1973, Portugal fez alterações parecidas. A última convenção ortográfica realizada foi iniciada 1986 entre Brasil, Portugal, Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe, no entanto a proposta de apenas duas ortografias oficiais não agradou a todos os países envolvidos. Só em 1990, após uma nova reunião, chegaram a um acordo da nova ortografia da língua portuguesa, implementada no Brasil por meio do Decreto 6.583, de 29 de setembro de 2008, com início a partir de janeiro 2009 com prazo final até dezembro 2012 para sua implementação final (Silva, 2009).

Embora os acordos ortográficos firmados modifiquem a escrita oficial de diversas palavras da língua portuguesa, as quais são ensinadas nas escolas desde a alfabetização, o que pouco se vê, enquanto docentes que os autores deste texto são, é a discussão dessas mudanças e dos seus motivos nos espaços de educação formal. Logo, discutir, a partir de textos históricos, sobre o sistema ortográfico brasileiro na sala de aula se mantém, com frequência, de forma inexistente ou superficial, restringindo-se à apresentação de exemplos pontuais em textos literários ou a simples menção de que, por exemplo, "as mudanças ortográficas ocorrem assim como as mudanças da língua com o passar do tempo". Raramente os estudantes são levados a refletir sobre esses processos políticos e culturais que promovem as mudanças ortográficas ou têm acesso a textos que permitem documentar tais transformações.

Nesse contexto, a Filologia, enquanto ciência que tem o texto como seu objeto de estudo, apresenta-se como campo de conhecimento potencialmente relevante para o ensino, mas historicamente distante da Educação Básica. Enquanto ciência dedicada ao estabelecimento, à interpretação e à crítica de textos, especialmente de documentos ditos antigos, a Filologia articula saberes da Paleografia, Codicologia, Linguística Histórica, Linguística etc., oferecendo metodologias rigorosas para a edição de textos destinadas a públicos específicos, as quais permitem estudar mudanças ortográficas ao longo do tempo. Sua contribuição, portanto, para a preservação do patrimônio linguístico-cultural, ortográfico e para a compreensão da historicidade da língua portuguesa justifica esforços de sua aproximação com o contexto escolar.

Partindo dessas constatações, o presente artigo, de natureza documental, exploratória e ancorado nos preceitos da Filologia, a partir da edição e estudo de um fólio impresso, datado de 1925, publicado na revista *Vida Doméstica*, tem como objetivo principal transpor didaticamente os conhecimentos filológicos para a primeira série do Ensino Médio, a partir do trabalho com análise grafemática em sala de aula. Para isso, parte-se da edição do texto seguida de sua análise grafemática com fins pedagógicos de ensino de ortografia em uma perspectiva histórica.

Este trabalho fundamenta-se, principalmente, em Cambraia (2005) que trata do fazer filológico, em Silva e Queiroz (2011) e Telles (2002) que abordam a análise grafemática e a relação grafemático-fonética em textos não literários, em Chevallard (1991) que define a Teoria da Transposição Didática e nas orientações da Base Nacional Comum Curricular

(2018), que, em conjunto, sustentam a articulação entre edição de textos históricos, análise grafemática, transposição didática e ensino de língua portuguesa no Ensino Médio.

À luz desses referenciais, neste artigo discute-se a aproximação entre o saber produzido no campo filológico e o contexto escolar, apresentando, para isso, a análise de um fôlio impresso, intitulado “o serviço de uma arrumadeira – o que se deve lhe ensinar”, publicado pela revista *Vida Doméstica* em 1925, a partir do qual propõe-se uma sequência de atividades voltadas ao trabalho com a análise grafemática em sala de aula da primeira série do Ensino Médio, contribuindo para a formação de leitores capazes de reconhecer a historicidade e a heterogeneidade constitutiva do português em perspectiva histórica.

2 Colocando alguns pontos nos is: as bases teóricas adotadas neste trabalho

A Filologia constitui-se como uma das mais antigas disciplinas dedicadas ao estudo de textos. Etimologicamente derivada do grego *philos* (amor) e *lógos* (palavra, estudo), a Filologia pode ser compreendida, em sentido amplo, como a ciência que se ocupa do estabelecimento, da interpretação crítica e da explicação de textos.

Segundo Cambraia (2005, p. 1), a Filologia apresenta objetivos e metodologia que a distingue de outros campos de estudo e busca contribuir para que os leitores desenvolvam “[...] uma visão mais realista do processo de transmissão dos textos. Fundamental para compreender a importância da Filologia é reconhecer que os textos não chegam até nós de forma imutável. Cambraia (2005, p. 1) observa que a constituição desse campo de conhecimento decorre da constatação empírica de que os “[...] textos sofrem modificações ao longo de sua transmissão”, afastando-se de sua forma original. Essa observação é central para entender porque a Filologia se constitui como disciplina indispensável não apenas para os estudos literários, mas também para investigações sobre a história da língua, uma vez que a edição de textos, prática central da Filologia, requer conhecimentos especializados de diversos campos do saber.

Ademais, Barreto e Queiroz (2013) enfatizam que a atividade de edição de texto feita pelo filólogo permite identificar transformações históricas, culturais, da língua e da sociedade da época. Dessa forma, ao trabalhar análise grafemática nas aulas de língua portuguesa, os estudantes podem refletir criticamente sobre as transformações ortográficas pelas quais as palavras passaram, bem como as léxicas e sociais.

Cambráia (2005) sistematiza os tipos de edição de textos em um contínuo que vai do “menor ao maior grau de intervenção editorial”. Nesse contínuo, situam-se, em linhas gerais, a edição *fac-símile* na qual não ocorre nenhuma intervenção no documento, diplomática com intervenções mínimas, edição paleográfica ou semidiplomática com intervenções intermediárias e edição interpretativa com intervenção máxima.

Com vistas a propósitos pedagógicos pretendidos neste trabalho, optamos pela edição semidiplomática por se caracterizar como a mais adequada, pois mantém a grafia do texto inalterada, dentre outras especificidades. Nesse tipo de edição, é possível realizar poucas intervenções no texto como, por exemplo, desenvolver abreviaturas, inserir conjecturas, manter a pontuação, uso de maiúsculas e minúsculas etc. (Cambráia, 2005, p. 111), com o intuito duplo de preservar as informações do texto e ao mesmo tempo facilitar a sua compreensão pelo público escolhido, neste caso, discentes da primeira série Ensino Médio, por compreendermos que são estudantes que acabaram de passar por todo o ciclo do Ensino Fundamental e que os conhecimentos ortográficos adquiridos se encaixam adequadamente em práticas pedagógicas de análise grafemática de textos históricos selecionados para este trabalho.

Dessa forma, a edição semidiplomática permite aos estudantes identificarem as particularidades ortográficas e ao mesmo tempo ler o texto sem as principais dificuldades impostas pelos sistemas abreviativos de épocas passadas, tornando-o apropriado para estudos de história da língua. Para isso, contudo, a edição inicia-se na tomada de decisão do filólogo ao estabelecer os critérios de edição a serem adotados. Sobre isso, Silva (2001) estabelece as *Normas para transcrição de documentos manuscritos para a História do Português do Brasil*, que orientam de que forma devem ser feitos o desenvolvimento de abreviaturas, o tratamento de grafias alternativas de uma mesma palavra e a indicação de trechos ilegíveis ou danificados, entre outros.

Para fins pedagógicos, a edição semidiplomática permite que estudantes da primeira série do Ensino Médio tenham acesso a documentos históricos autênticos, observando concretamente as diferenças entre formas ortográficas pretéritas e contemporâneas. Logo, o contato direto com o texto histórico – sua caligrafia, seu fac-símile, suas marcas de uso – contribui para tornar mais significativo o aprendizado sobre variação grafemática, superando a abstração que frequentemente caracteriza o tratamento escolar e pedagógico desse conteúdo.

2.2 Alguns pontos sobre a Paleografia e a Codicologia

A Paleografia, etimologicamente derivada do grego *palaaios* (antigo) e *graphein* (escrever), constitui a ciência que estuda as escritas antigas. Seu objetivo principal é capacitar o pesquisador a ler e transcrever documentos manuscritos, identificando tipos de letra, datando documentos a partir de características gráficas e reconhecendo particularidades de diferentes épocas e regiões. Segundo Cambraia (2005, p. 8), “a Paleografia, a Codicologia, a Diplomática, a Bibliografia Material e a Linguística constituem ciências e disciplinas que, embora tenham vida independente, frequentemente se interpenetram no trabalho filológico”.

A Paleografia ela estuda a evolução da escrita, é ciência que vai ocupar com o tipo da letra utilizada pelo copista, a forma mecânica dos documentos, as abreviaturas que para a Spina (1997) é a chave da interpretação paleográfica, uma vez que, em 27 a. c. no final da república romana o uso de abreviaturas se torna um problema, sendo proibido seu uso, e por último a datação. Assim, a paleografia foca nesses aspectos quando é feito a análise da escrita do códice ou livro.

Quanto a Codicologia, durante muito tempo o seu campo de estudo pertenceu a Paleografia e a Diplomática, no entanto com o passar do tempo, o estudo dos aspectos materiais, analisando questões relativas ao suporte, à tinta, à encadernação, à organização dos cadernos, à iluminura e a outros elementos da materialidade do texto, passaram a ser denominada de Codicologia (Spina, 1977).

A descrição codicológica permite contextualizar historicamente o documento, inferir aspectos de sua produção, circulação e identificar elementos relevantes para sua autenticação e datação, assim como ela determina as características regionais, a identidade do copista, os motivos das escolhas das infografias escolhidas etc. (Spina, 1977).

Com a evolução tecnológica, o campo de estudo da Codocologia tem sido deixado de lado, uma vez que, segundo Spina (1977), existiam duas formas de comunicação escrita, a tradição manuscrita até o século XV e a impressa a partir daí, que utilizavam o códice e posterior o livro como conhecemos. No entanto, com o avanço da tecnologia e a evolução da escrita até chegar a era digital com a mudança do suporte que recebe os textos escritos, na maioria das vezes não tem sido feito análises dos aspectos físicos dos códices conforme descreve Monte (2009).

Para o trabalho pedagógico com documentos históricos, conhecimentos básicos de Paleografia e Codicologia são fundamentais, pois permitem apresentar aos estudantes não

apenas o conteúdo dos documentos, mas também sua dimensão material, histórica e cultural. Conforme Cambraia (2005, p. 78), “[...] a compreensão de que os manuscritos constituem artefatos produzidos em condições históricas específicas, utilizando materiais e técnicas características de cada época, enriquece significativamente a experiência de aprendizagem. Assim, por meio da Paleografia e da Codicologia é possível ir além dos elementos materiais e com isso enriquecer as aulas.

2.3 Alguns pontos sobre Transposição Didática

O termo Transposição Didática foi originalmente introduzido por Michel Verret em 1975, em sua tese de doutorado *Le temps des études* (1975), sendo mais adiante sistematizado por Yves Chevallard, principalmente na obra *La transposición didáctica: del saber sabio al saber enseñado* (1980).

Para Chevallard (1991), a Transposição Didática representa o processo no qual um conteúdo de saber, situado inicialmente no campo do saber erudito, ao ser selecionado como “saber a ensinar”, passa por uma série de transformações e adaptações até se tornar apto a integrar o conjunto de objetos do ensino.

Em linhas gerais, trata-se do trabalho de reelaboração que transforma um conhecimento científico em conteúdo ensinável, promovendo reorganização e recontextualização para que possa ser compreendido pelos sujeitos em situação escolar, sem perder de vista sua complexidade teórica (Chevallard, 1991).

É importante ressaltar que, neste artigo, não serão apresentados dados empíricos de aplicação em sala de aula, mas demonstrar como a Filologia pode ser transposta para o Ensino Médio, considerando eixos temáticos integrados.

Essa perspectiva está alinhada com a orientação da Base Nacional Comum Curricular, que:

Reconhece-se que a língua portuguesa, em sua historicidade e diversidade, constitui patrimônio cultural que deve ser valorizado e compreendido pelos estudantes. A abordagem dos estudos linguísticos precisa considerar as múltiplas variedades, os processos históricos de mudança e os diferentes contextos de uso, promovendo respeito à diversidade e a reflexão crítica sobre os preconceitos linguísticos. Assim, o ensino da língua portuguesa não deve restringir-se à prescrição de normas, mas sim propiciar experiências de análise, compreensão e valorização da língua como fenômeno histórico, social e cultural. (Brasil, 2018, p. 68).

Dessa forma, propõe-se uma transposição didática fundamentada na tradição filológica, com o objetivo de articular edição de texto, análise grafemática de um fôlio de 1925 e ensino de português na primeira série do Ensino Médio, com vistas a promover, com isso, o entendimento da língua como manifestação viva de processos históricos, sociais e culturais, de acordo com as orientações da BNCC e da pedagogia contemporânea.

Além disso, estudar e compreender as mudanças ortográficas em suas dimensões científicas e pedagógicas torna-se imprescindível para o ensino de língua portuguesa, pois permite construir uma visão mais humanizada, crítica e inclusiva dos processos de transformação ortográficas da Língua Portuguesa e fortalece a proposta de trabalhar documentos históricos em sala de aula da Educação Básica.

3 O corpus

Para a realização deste trabalho, selecionou-se um fôlio impresso produzido no Brasil durante o século XX, datado de julho de 1925, intitulado “o serviço de uma arrumadeira: o que se lhe deve ensinar”. A escolha desse documento justifica-se por diversos fatores: sua representatividade como testemunho do processo histórico do português brasileiro; sua legibilidade relativamente boa, característica importante para fins pedagógicos; o fato de apresentar quantidade significativa de variações grafemáticas e consonantais em relação ao português contemporâneo, além disso o documento escolhido apresentado na Figura 1, evidencia a exploração da mulher na condição de arrumadeira/ empregada doméstica, o que permite realizar discussões sociais e críticas sobre o assunto.

Figura 1¹

O texto trata de uma notícia instrucional, de como deve ser o trabalho de uma arrumadeira. O fólio faz parte de uma matéria da revista *Vida Doméstica*, que publicou 126 notícias ao longo do ano de 1925. Escolhemos a notícia disponível na página 11, pelos motivos mencionados no parágrafo anterior. Cabe mencionar que a Revista *Vida Doméstica*,

¹ Fonte: Revista vida doméstica (1920-1960), retirado do Acervo Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

publicou de 1920 a 1962 notícias voltadas ao público feminino, com temas variados que iam da moda à moralidade, representações do papel da mulher e da família na sociedade brasileira da época. A página encontra-se no arquivo público da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

4 Edição do corpus

Para fazer a edição do material, escolhemos a edição semidiplomática que, segundo Cambraia (2005), permite fazer uma transcrição fidedigna do conteúdo, no entanto ela permite o editor inferir em alguns elementos como desenvolver as abreviaturas, separar palavras ou uni-las, para isso definimos alguns critérios, conforme apresentado por Queiroz (2007) e Barreto e Queiroz (2013):

Para a descrição do documento foram:

- Data do manuscrito;
- Tipo de papel;
- Tipo de escrita;

Quanto à transcrição, os critérios adotados foram:

- Manter a grafia original lexical e morfológica;
- Desenvolver as Abreviaturas e Siglas;
- Manter siglas e nomes próprios conforme o original;
- Manter a pontuação do texto original;
- Manter as palavras separadas e unidas para que os estudantes identifiquem as mudanças ortográficas em palavras como **bom-dia**;
- Indicar a numeração do texto de cinco em cinco;
- Deixar as Linhas do quadro visíveis.
- A paragrafação será indicada com “(-)”.

Nas Figuras e Quadros 2, 3, 4, 5 apresentamos fac-similar e semidiplomática de forma justalinear do documento analisado. Considerando a distribuição do texto no fôlio, dividiremos em 4 partes a edição para melhorar compreensão.



Figura 2²

	VIDA DOMESTICA
	Revista do lar da mulher
	Julho – 1925
	(-) O serviço de uma arrumadeira
5	(-) O que se lhe deve ensinar
	(-) “Madame” vae sahir!

Quadro 1³

Na Figura 3, apresentamos a transcrição da primeira coluna de texto da página.



Figura 3⁴

	(-) Na iniciação de uma arrumadeira dois
	princípios fundamentaes devem ser respe-
	tados: em primeiro lugar a regulamentação
	e regularidade do trabalho: em seguida a
5	hora matinal em que esse trabalho deve ser
	começado. Geralmente é às 7 horas que a
	empregada deve pegar no serviço. Se o pa-
	trão sai cedo, se ha na casa alguma crian-
	ça que vá á escola, ella antes de tudo dará
10	as providencias para que haja agua quente
	na sala de banho. Logo que entre na casa,
	é mister ensinar-lhe a escovar cuidadosa-
	mente as roupas do patrão e dos rapazes. E'
	preciso que ella sai-
15	ba consolidar um
	botão frouxo ou
	prender uma malha,
	o que deve fazer na
	propria ocasião de
20	(-) Ella fez imediatamente a costura ...

Quadro 2⁵

² Fonte: Revista vida doméstica (1920-1960), retirado do Acervo Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional

³ Elaborado pelos autores (2026).

⁴ Fonte: Revista vida doméstica (1920-1960), retirado do Acervo Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional

⁵ Elaborado pelos autores (2026).

Na Figura 4 e Quadro 3, apresentamos a segunda coluna de texto da página.



Figura 4⁶

	interromper o seu trabalho para attender
	à campainha da porta da rua, receber as
	compras, os recados, acudir o telepho-
	one, etc.
5	Ensine-se à criada as differentes ma-
	neiras de acolher as visitas: a introdução
	no salão e depois a classica pergunta: “A
	Sra. quer ter a bondade de dizer o seu no-
10	me?” dita em tom amavel. Finalmente o
	sacramental e decepçionante: “A Sra. não
	está em casa”, que se ensinará a dizer tam-
	bem com amabilidade e calma, ainda quan-
	do não seja conforme com a verdade!
15	(-) Explicar-lhe-hemos que, sob condição de
	não fazer perguntas, poderá trocar, conver-
	sação com visitas respondendo às ques-
	tões – não indiscretas – que lhe fizeram
	e recebendo com a atenção os recados que
20	deixarem.
	(-) Deverá aprender tambem a fazer e a
	servir o chá. Na de a patroa vestir-se
	é ainda a arrumadeira que tira do armário
	o vestido esco-
25	lhido e o dis-
	põe sobre a ca-
	ma ou sobre uma
	cadeira. Depois
	ajudará a se-
30	nhora a vestir-se
	(-) Com os vestidos
	collantes da mo-
	da actual, terá
	que aprender a
35	enfiar o estojo
	de seda de tulle
	(-) Um “toilette” da tarde necessita da
	ajuda da arrumadeira.

Quadro 3⁷

⁶ Fonte: Revista vida doméstica (1920-1960), retirado do Acervo Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional

⁷ Fonte: Elaborado pelos autores (2026).

5 Descrição paleográfica

Quanto à escrita do documento, é do tipo impresso em letra arredondada, pela época, acreditamos que foi feito em uma máquina de escrever e impresso em uma prensa tipográfica, quanto à cor da tinta, é preta e a estrutura do texto do documento está legível, não causando problemas para a leitura.

6 Descrição Codicológica

No Quadro 1, apresentamos uma descrição codicológica do documento.

TIPO DE DOCUMENTO	DESCRIÇÃO DOS ASPECTOS CODICOLÓGICOS	
NOTÍCIA DA REVISTA: VIDA DOMÉSTICA INTITULADA: O SERVIÇO DE UMA ARRUMADEIRA: O QUE SE LHE DEVE ENSINAR	Cota	Rio de Janeiro; Revista vida doméstica; Edição 00090; Página 11.
	Data	Julho de 1925
	Lugar de origem	Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional
	Composição	Documento contendo uma página
	Organização da página	p. 1r. Obs. (Sem acesso ao documento físico); dimensão da mancha 24 ml de largura, por 33 altura.

Quadro 4⁸

Quanto à distribuição do texto, o documento é impresso em tinta preta, intercalando imagens de atividades realizadas pelas camareiras da época e textos descrevendo como deveria ser o trabalho da camareira ilustrado nas imagens. No cabeçalho do lado superior esquerdo encontra-se o nome da revista “Vida Doméstica e logo a abaixo Revista do Lar e Mulher”. No canto superior direito da página, encontra-se a data, julho de 1925, conforme apresentado na Figura 5.



Figura 5⁹

⁸ Fonte: Adaptado de Cambraia (2005).

⁹ Fonte: Revista vida doméstica (1920-1960), retirado do Acervo Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional

Ao centro, entre as duas imagens, encontra-se o título da matéria “o serviço de uma arrumadeira o que se lhe deve ensinar”, apresentado na Figura 6.



Figura 6¹⁰

A página apresenta quatro imagens de atividades que a camareira desempenha, durante o dia de trabalho, a primeira do lado superior esquerda, intitulada “**ella conduz, apesar das traquinas, que a apoquentam, uma ban-deija cheia de louças...**”, apresenta uma camareira com uma criança à sua frente e outra atrás puxando a barra de seu vestido, enquanto ela equilibra uma bandeja com um bule, uma xícara e um açucareiro. A segunda imagem, intitulada “**ella fez imediatamente a costura...**”, evidencia a camareira costurando uma peça de roupa, enquanto uma criança a espera. A terceira imagem, intitulada “**“madame” vae sahir**”, a camareira conversa na porta com sua patroa. Já a última imagem, intitulada “**uma “toilette” da tarde necessita da ajuda da arrumadeira**”, localizada no canto inferior direito, a camareira auxilia sua patroa a arrumar um vestido. Todas as imagens estão organizadas com três colunas de textos, ao final da página, abaixo dos textos e imagens, está a paginação 11.

Quanto ao estado de conservação, não é possível inferir como está o estado físico, uma vez que o documento analisado está disponível na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, no entanto, não apresenta nenhuma mancha de sujeira e a legibilidade é perfeitamente compreensível.

7 Apresentação grafemática do corpus

¹⁰ Fonte: Revista vida doméstica (1920-1960), retirado do Acervo Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional

Partindo dos pressupostos citados, a página da *Revista Vida Domestica*, publicada em julho de 2025, apresenta o pseudo-etimológico¹¹ que conforme apontando no trabalho de Silva e Queiroz (2011), nas seguintes situações: “Ella fez imediatamente a costura [...]” (Q2¹², linhas 9-14-20). Também foi encontrado no documento analisado, a substituição de vogais orais, como em: “[...] princípios fundamentaes devem [...] (Q2, linha 2). Também foi possível identificar a variação de acentuação: [...] Deverá aprender tambem [...] (Q3. Linha 21). Nos próximos tópicos são apresentadas as variações grafemáticas encontradas no texto.

Considerando o fenômeno que acontece para dar origens ao surgimento de palavras sem o devido embasamento histórico, denominado como Pseudoetomologia por Abilio e Silva (2024), apresentamos as variações grafemáticas encontradas no fôlio, que são: Quadro 5 as consoantes geminadas, Quadro 6 as vogais orais e no Quadro 7 a variação de acentuação.

7.1 Consoantes geminadas

Palavras	Ocorrências	Análises	Contexto
Ella	Q2. linhas 9-14-20	Presença de consoantes geminadas, por conta da influência pseudoetimologizante, fenômeno conhecido como variação etimologizante.	“[...] Ella fez imediatamente a costura [...]”
Apprender	Q3. linha 34		
Attenção	Q3. linha 19		
Attender	Q3. linha 1		
Tulle	Q3. linha 36		
Toeillete	Q3. linha 37		
Differentes	Q3. Linha 5		
Collantes	Q3. linha 32		
Immediatamente	Q2. linha 20		

Quadro 5¹³

7.2 Das vogais orais

Palavras	Ocorrências	Análises	Contexto
Fundamentaes	Q2. Linha 2.	Substituição do grafema <i> pelo grafema <e> indicando uma variação grafonética.	“[...]princípios fundamentaes devem [...]”
Vae	Q1. Linha 6		

¹¹ Pseudoetomologia é o fenômeno que acontece para dar origens ao surgimento de palavras sem o devido embasamento histórico real (Abilio e Silva, 2024).

¹² Q2/ Q3/ Q1 Abreviatura dos Quadros 1, 2 e 3.

¹³ Adaptado de Silva e Queiroz (2011).

Sahir	Q1. Linha 6	Substituição do grafema <i> pelo grafema <hi>, porque ambos representam o mesmo fonema /i/	[...]“Madame” vae sahir! [...]
-------	-------------	--	-----------------------------------

Quadro 6¹⁴

7.3 Variação de acentuação

Palavras	Ocorrências	Análises	Contexto
Tambem	Q3. linha 21-	Ausência de acentuação no lugar de <ém>, usado atualmente.	“[...] Deverá aprender tambem [...]”
Classica	Q3. linha 8	Ausência de acentuação <a> no lugar de <á>, usado atualmente.	“[...] a classica pergunta [...] “
Amavel	Q3. linha 10		
Propria	Q2. Linha 19	Ausência de acentuação <o> no lugar de <ó>, usado atualmente	“[...] propria ocasião de [...]”
Agua	Q2. Linha 10	Ausência de acentuação <a> no lugar de <á>, usado atualmente.	“[...] providencias para que haja agua quente [...]”
Domestica	Q1. Linha 1	Ausência de acentuação <e> no lugar de <ê>, usado atualmente.	“[...]VIDA DOMESTICA [...]”

Quadro 7¹⁵

8 Proposta de Transposição Didática

A proposta de transposição didática parte do entendimento de que a página “O serviço de uma arrumadeira: o que se lhe deve ensinar”, datado de julho de 1925 e publicado na revista *Vida Doméstica*, pode funcionar como porta de entrada para o estudo da variação ortográfica no ensino médio. Nesse sentido, o documento é tomado como testemunho concreto de usos do português brasileiro do início do século XX, permitindo ao estudante observar, em contexto real as grafias diferentes das que circulam hoje.

Como se trata de um estudo de natureza teórico-metodológica, a transposição didática descrita a seguir configura-se como proposta dirigida a docentes de Língua Portuguesa, e não como relato de aplicação empírica.

O objetivo central é sugerir caminhos para que professores integrem procedimentos da edição semidiplomática ao trabalho com as mudanças ortográficas, em consonância com

¹⁴ Adaptado de Silva e Queiroz (2011).

¹⁵ Adaptado de Silva e Queiroz (2011).

os princípios da Transposição Didática de Chevallard (1991) e com as orientações da BNCC sobre a historicidade, as mudanças ortográficas e a diversidade do português.

A sequência didática sugerida organiza o conteúdo filológico em torno de três objetivos principais:

- Aproximar os estudantes da materialidade do documento histórico, favorecendo a curiosidade e o contato com a escrita de outra época.
- Desenvolver a habilidade de reconhecer fenômenos de mudanças ortográficas em textos reais, com destaque para grafia de vogais e consoantes, categorias já trabalhadas na análise da página.
- Promover reflexão crítica sobre a relação entre língua, história e sociedade e cultura considerando tanto as mudanças ortográficas quanto as representações de gênero presentes no texto sobre o trabalho da arrumadeira.

Esses objetivos dialogam com a BNCC ao defender que o estudo da língua portuguesa inclua a compreensão da variação, bem como o combate a preconceitos linguísticos, valorizando a diversidade de usos. Ao mesmo tempo, retomam o princípio de Chevallard (1991) de reorganizar o “saber erudito” – aqui representado pela Filologia e pela ortografia – em um “saber a ensinar” adequado às condições concretas da escola básica.

A proposta se estrutura em três momentos articulados: (a) contato inicial com o documento e sua materialidade; (b) observação guiada de fenômenos das mudanças ortográficas; (c) sistematização coletiva das descobertas.

No início da proposta de transposição didática, destaca-se o papel do professor ao apresentar aos estudantes a página “O serviço de uma arrumadeira: o que se lhe deve ensinar”, em versão fac-similar ou projetada, com uma breve contextualização histórica sobre a revista *Vida Doméstica* e seu público-alvo feminino no Brasil de 1925. Esse primeiro contato busca aproximar a turma da materialidade do documento, evidenciando elementos codicológicos e paleográficos, a organização em colunas, a presença de imagens, o título, a data e o nome da revista, entre outros aspectos relevantes para situar o texto em seu tempo e espaço de produção.

A atividade de leitura coletiva do título, cabeçalho, legenda das imagens e análise guiada dos elementos codicológicos contribui para que os alunos entendam que não se trata apenas de um texto desvinculado do seu suporte, mas de um objeto histórico. Esse reconhecimento é fundamental quando se pretende discutir as mudanças ortográficas pois permite ressignificar o estudo da Língua Portuguesa, valorizando-a como fenômeno social,

cultural, histórico e político, conforme previsto nas competências EM13LGG201 e EM13LGG401 da BNCC.

No segundo momento da sequência, a atenção se volta para a edição semidiplomática construída a partir da página de 1925, com base em critérios previamente definidos e apresentados neste artigo, como a manutenção da grafia lexical e morfológica do texto, o desenvolvimento de abreviaturas e a preservação da pontuação. A partir dessa versão editada, a aula passa a explorar a materialidade, oferecendo aos estudantes um contato direto com formas gráficas e escolhas lexicais que evidenciam a historicidade dos períodos ortográficos do português, sem perder de vista a fidelidade ao documento de origem.

Nesse contexto, a proposta didática organiza-se em atividades em duplas ou trios, nas quais os alunos são convidados a localizar e registrar exemplos de formas como “vae”, “sahir”, “attender”, “principios fundamentaes”, e “toilette”, entre outras, comparando-as com as grafias atuais e discutindo o que mudou e o que permaneceu. O objetivo é que as diferenças não sejam vistas apenas como “erros” em relação à norma vigente, mas como marcas de um estágio anterior da nossa ortografia, relacionadas a práticas ortográficas, pronúncias e influências de época. A socialização dessas descobertas, em quadro na lousa ou em cartazes, permite agrupar os exemplos por categorias (grafia, léxico), o que fortalece a construção coletiva do conhecimento e favorece uma compreensão mais sistemática das mudanças ortográficas, além dos estrangeirismos na língua portuguesa, conforme ilustrado na palavra toilette.

Do ponto de vista curricular, esse momento dialoga diretamente com as habilidades EM13LGG401 e EM13LP13, ao propor a análise crítica de textos para caracterizar a língua como fenômeno histórico e variável, e com habilidades específicas de Língua Portuguesa relacionadas a ortografia e à compreensão de que a língua muda ao longo do tempo, articuladas à prática de análise linguística e semiótica. Em termos avaliativos, é considerado o quadro produzido pelas duplas ou trios, no qual se verificam a identificação correta das mudanças e a pertinência das comparações, e a observação da participação nas discussões, com especial atenção à capacidade dos estudantes de justificar porque determinada forma pode ser entendida como exemplo de mudança ortográfica, motivada por políticas linguísticas em um projeto de homogeneização da ortografia da Língua Portuguesa em países em que essa é língua oficial.

A sistematização coletiva das observações permite evidenciar, de forma mais explícita, a dimensão da variação diacrônica, entendida como as transformações que a

ortografia sofre ao longo do tempo, registradas em diferentes estágios de sua história. Ao organizar quadros ou mapas conceituais com os exemplos encontrados na página – como “vae”, “sahir”, “attender”, “principios fundamentaes”, “toilette” – e suas correspondentes formas atuais, a atividade torna visível o percurso temporal dessas formas, aproximando o aluno da ideia de que a ortografia é um sistema em constante mudança, e não um conjunto fixo de regras. Essa visualização contribui para reconhecer que certas grafias caem em desuso, outras se estabilizam e novas palavras são incorporadas, em um movimento contínuo de adaptação às necessidades comunicativas de cada época e das motivações políticas.

Nesse encerramento, o professor retoma conceitos trabalhados na seção teórica, articulando a variação diacrônica ao papel da Filologia e da edição de textos históricos na documentação da trajetória da ortografia do português brasileiro. Ao mostrar como a página de 1925 registra um estado específico da ortografia, a proposta reforça a importância do estudo de documentos de época para compreender as mudanças fonéticas, morfológicas, lexicais e ortográficas que se consolidam com o tempo.

Essa abordagem dialoga diretamente com as habilidades previstas na BNCC, como EM13LGG401, ao enfatizar a compreensão da nossa ortografia como fenômeno histórico, social e cultural, e com EM13LGG202, ao permitir que os estudantes analisem, junto às marcas linguísticas, as relações de poder e as representações de gênero presentes no texto, integrando a observação das formas linguísticas à leitura crítica dos discursos.

9 Considerações finais

A partir da análise teórica e metodológica realizada, conclui-se que a transposição didática dos conhecimentos filológicos para o ensino médio, especialmente através do trabalho com documentos históricos autênticos como a página impressa de 1925, representa uma estratégia pedagógica eficaz para o ensino da variação ortográfica da língua portuguesa. Ao aproximar os estudantes da historicidade e da materialidade do texto, utilizando a edição semidiplomática, essa abordagem possibilita a observação concreta dos processos de mudança das palavras, superando abordagens superficiais e abstratas.

O estudo reforça a importância de construir práticas educativas que valorizem a diversidade e a historicidade da língua, promovendo uma postura crítica e reflexiva frente às transformações ortográficas motivadas politicamente. Nesse sentido, orientações da BNCC mostram-se fundamentais para legitimar e fomentar práticas pedagógicas que respeitem a pluralidade sociocultural e a dinâmica histórica da ortografia do português.

A proposta apresentada, fundamentada em referenciais sólidos como Cambraia (2005), Chevallard (1991), Silva e Queiroz (2011) e a BNCC (2018), não apenas contribui para o enriquecimento do currículo de Língua Portuguesa no ensino médio, mas também contribui para formar leitores mais críticos e conscientes da heterogeneidade constitutiva da língua. Assim, investir na articulação entre Filologia e o Ensino de Língua Portuguesa em sala de aula do Ensino Médio potencializa a aprendizagem e oferece um caminho para o ensino do português como fenômeno vivo, social, cultural e político.

Referências

ABÍLIO, Gabriel Contini; SILVA, Edna de Mello. A falsa origem do forró: Pseudoetimologia e a construção do nordestino no imaginário histórico. **Revista Espacialidades**. 2024.2, v. 20, n. 1, 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/espacialidades/article/view/36381>. Acesso em: 19 fev. 2026.

BARRETO, Josenilce Rodrigues de Oliveira; QUEIROZ, Rita de Cássia Ribeiro de. Dos conceitos para a cultura: considerações sobre a edição e estudo do vocabulário de uma "ação ordinária de desquite" do início do século XX. **Revista Interdisciplinar**, v. 17, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/interdisciplinar/article/view/1319/1168>. Acesso em: 24 nov. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2018.

CAMBRAIA, Luiz Antônio. **Introdução à crítica textual**: teoria e prática na Filologia. São Paulo: Edusp, 2005.

CHEVALLARD, Yves. **La transposition didactique**: du savoir savant au savoir enseigné. Grenoble: La Pensée Sauvage, 1991.

TELLES, Célia Marques. Relação grafemático-fonética em textos não literários do século XVI. **Revista Da Anpoll**, v. 1, n. 12, 2002. Disponível em: <https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/504>. Acesso em: 19 fev. 2026.

MONTE, Vanessa Martins do. Exemplo de descrição codicológica: documentos setecentistas. **Filologia e Linguística Portuguesa**, 2009. Disponível em: <https://revistas.usp.br/flp/en/article/view/59818>. Acesso em: 18 fev. 2026.

SILVA, Rosa Virgínia Matos (org.). Normas para transcrição de documentos manuscritos para a História do Português do Brasil. Em: **Para a história do português brasileiro**. São Paulo: Humanitas/Fapesp, 2001. v. 2, p. 553-555.

SPINA, Segismundo. **Introdução á Edótica**. São Paulo: Cultrix, 1977.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 2012.

SILVA, Ana Paula Araujo. Breve história da ortografia portuguesa: períodos, reformas e acordos. **Revista de Villegagnon**, 2009. Disponível em: <https://www.redebim.dphdm.mar.mil.br/vinculos/000004/000004c7.pdf>. Acesso em: 09 fev. 2025.

SILVA, Daianna Quelle da Silva Santos da. QUEIROZ, Rita de Cássia Ribeiro de. “Annos ou Anos”: Estudo das variações grafemáticas em documentos manuscritos do acervo de Monsenhor Galvão. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2011. **Cadernos do CNLF**, Vol. XV, Nº 5, t. 1. Disponível em: http://www.filologia.org.br/xv_cnlf/tomo_1/26.pdf. Acesso em: 18 fev. 2026.

ZANELLA, Maura Spada. Ortografia no ensino fundamental: um estudo sobre as dificuldades no processo de aprendizagem da escrita. **Poiesis Pedagógica**, v.8, n.2, p.109-125, 2010. <https://periodicos.ufcat.edu.br/index.php/poiesis/article/view/14062>. Acesso em: 10 fev. 2026.